

CARLOS CUNHA

**ENCONTROS
DECOLONIAIS
ENTRE O BEM VIVER
E O REINO DE DEUS**

© Editora Saber Criativo, 2019.

Primeira edição, junho de 2019.
Impresso no Brasil.

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar,
distribuir e transmitir esta obra, desde que cite o
autor e não faça uso comercial.

www.editorasabercriativo.com.br
contato@editorasabercriativo.com.br
fb.com/sabercriativo
@sabercriativo

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Lissa Gabriela

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Regina Fernandes Sanches

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C972e

Cunha, Carlos Alberto Motta
Encontros decoloniais entre o Bem Viver e o Reino de Deus /
Carlos Alberto Motta Cunha. - Campinas: Saber Criativo, 2019.
266 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-54925-29-1

1. Decolonialismo 2. América Latina - Indígenas
3. Teologia Social 4. Capitalismo 5. Bem Viver

CDD: 261.7

*Aos excluídos e subalternizados,
Aos silenciados e crucificados,
Homens e mulheres,
vítimas de um sistema perverso,
mas protagonistas, anônimos,
do Bem Viver
e do Reino Deus.*

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	11
Introdução	15
Capítulo 1	
O Bem Viver como alternativa ao “desenvolvimento”	21
1. <i>O capitalismo e o sistema-mundo</i>	23
1.1. Individualismo e liberalismo político-econômico	26
1.2. A crise civilizatória	30
1.3. A globalização neoliberal	34
1.4. A cultura do bem-estar	37
2. <i>O pensamento decolonial</i>	40
2.1. Modernidade/colonialidade/decolonialidade	43
2.2. A colonialidade do poder, do ser e do saber	46
2.3. Giro decolonial e epistemologias do sul	49
3. <i>O Bem Viver</i>	55
3.1. Um conceito aberto	58
3.2. Como alternativa ao “desenvolvimento”	61
3.3. Como projeto solidário e sustentável	67
3.4. Como horizonte de sentido para a cidade	72

Capítulo 2

O Reino de Deus e outro mundo possível	79
1. <i>Religião, religiosidade e fé na cidade</i>	81
1.1. Devoção ao mercado financeiro	84
1.2. Religião, religiosidade e fé libertadoras	86
2. <i>O Reino de Deus na tradição judaico-cristã</i>	89
2.1. No âmbito bíblico	90
2.2. No âmbito da história da teologia cristã	94
3. <i>A boa nova subversiva de Jesus Cristo</i>	98
3.1. Resistindo à cristologia hegemônica	98
3.2. A cristologia subversiva	104
3.3. O Reino de Deus subversivo anunciado por Jesus	108
4. <i>Outro mundo possível</i>	112
4.1. O Reino de Deus como sentido de humanização	114
4.2. O Reino de Deus a partir do Sul global	120
4.3. A universalização do Reino de Deus	126

Capítulo 3

Encontros decoloniais entre o Bem Viver e o Reino de Deus	137
1. Direitos da vida e à vida	138
1.1. Direitos Humanos	138
1.2. Decolonizando os Direitos Humanos	145
1.3. Os Direitos da Natureza	150
2. <i>Pachamama e os direitos indígenas</i>	157
2.1. O respeito pela vida	157
2.2. Os direitos dos povos indígenas	160
3. <i>A teologia de Abya Yala</i>	168
3.1. Revelação e relação	168
3.2. Cruz e espada	174
3.3. Abya Yala	181
4. <i>Encontros entre o Bem Viver e o Reino de Deus</i>	184
4.1. Encontros epistemológicos	187
4.2. Encontros simbólicos	190
4.3. Encontros práxicos	193
4.4. Encontros com o próximo	195
4.5. Encontros com a Natureza	198
4.6. Encontros éticos	201

Considerações finais	207
Referências	211

Anexos

1. Declaração Universal dos Direitos Humanos	227
2. Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas	237
3. A Carta da Terra	255

APRESENTAÇÃO

O “BEM VIVER” COMO PARADIGMA EMERGIU das Constituições da Bolívia e do Equador, na base de uma história indígena milenar e no horizonte de decolonização. Hoje compreendemos o “bem viver” como um processo histórico permanente de transformação do Estado do Bem-Estar para poucos em um Estado do Bem Viver de todos e para sempre.

Os quatro grandes conflitos que estorvam a realização do “bem viver” de todos (individual e coletivamente) são: (a) a acumulação dos bens em benefício de poucos, (b) o não-reconhecimento do Outro, (c) a aceleração da vida em função de sua total comercialização e (d) o esgotamento dos recursos naturais.

A afirmação de que ninguém precisa morrer de fome, ou de desprezo, nem de tédio, de exaustão ou de violência, torna-se bandeira de luta por uma organização social alternativa que aponta para o horizonte da subjetividade dos Pobres, dos Outros e da Natureza. A luta pelo bem viver é uma luta contra a morte antes do tempo e contra uma vida na qual a maioria se submete ao tédio de uma alienação generalizada. Na subjetividade do bem viver está embutido o equilíbrio entre direito e responsabilidade, saberes ancestrais e científicos. Na sociedade do bem viver, o indivíduo se desenvolve na comunidade, o trabalho integra o

lazer, o jejum faz parte do comer. O bem viver é horizonte e encruzilhada entre ruptura sistêmica e conversão pessoal.

A busca da decolonialidade e a luta pelo bem viver de todos são processos permanentes. Nesses processos, são questionadas éticas, linguagens e alinhamentos com sistemas, abertas ou veladamente contrárias à Boa Nova do Reino. A base dessa busca é a memória do sofrimento histórico de sujeitos emergentes (indígenas, afrodescendentes, mulheres, minorias, migrantes, pobres) que lutam indiretamente, em função de elementares condições de sua sobrevivência, pela releitura e supressão de tradições hegemônicas, por um novo conceito dialogal de universalidade e pela escuta de sua palavra.

As teologias que passaram pela viragem decolonial, como aquela que Carlos Cunha nos apresenta, são teologias em construção, enraizadas na vida, nas alegrias, angústias e no sofrimento dos pobres e outros; são expressão de suas razões de esperança e instrumentos de suas lutas. Com movimentos ancorados em crenças (“Reino de Deus”) contra hegemônicas aprendem e partilham as lutas pela preservação da vida e a redução do sofrimento.

O sonho de uma nova realidade do “bem viver” de todos, como o autor nos mostra, está presente na vida cotidiana daqueles que sentem em seus corpos e almas a distância estrutural dessa realidade do “bem viver”. No grito do basta se encontram estilhaços de racionalidade e fragmentos de esperança para a construção do “bem viver” num mundo para todos.

Dr. Paulo Sues

*Teólogo, professor e assessor teológico do
Conselho Indigenista Missionário (Cimi)
e do Conselho Missionário Nacional (Comina)*

PREFÁCIO

Bem viver e reino de Deus: em busca de uma teologia “decolonial”

EM TEMPOS DE CRISE É NECESSÁRIO “pensar mais e pensar de outra maneira”, como diria Paul Ricoeur, referindo-se às aporias provocadas pelo “conflito de interpretações” entre conceitos e pontos de vista diferentes sobre certos temas e problemas. Mais do que nunca nosso tempo pode ser visto como o de uma crise, que se desdobra em todas as dimensões: na organização da produção e da distribuição das riquezas; na compreensão do que é o viver bem com os outros em sociedades justas; no entendimento do sentido radical da existência; nas relações com o mundo no qual a vida se dá. Todos os âmbitos aos quais correspondem essas questões, a saber, a economia, a política, a vida em sociedade, a religião, o meio ambiente, são hoje radicalmente marcados pela crise. A velha sabedoria dos antigos já ensinou à humanidade que toda crise pode ser lugar de um salto para uma nova maneira de compreender a existência, uma oportunidade para advir o novo.

A teologia cristã nasceu de uma crise: a cruz de Jesus de Nazaré. Na cruz, o mal tem aparentemente a última palavra. O inocente e justo é exposto ao escárnio de seus carrascos e daqueles que tramaram sua morte. Os poderes e os poderosos do mundo, em sua arrogância e orgulho,

tripudiam sobre o inocente e o humilde. Desta morte emerge, porém, um anúncio inusitado. Deus venceu, a morte não é a última palavra, o Crucificado vive, o justificado tornou-se juiz, nele encontra-se a “esperança contra toda a esperança”. Para passar, porém, da cruz da sexta-feira santa, ao anúncio da feliz ressurreição, é necessário, antes, passar pelo escândalo, pela desorientação, ir até o fundo da crise. Mais do que nunca, talvez, a humanidade se encontre à beira de uma crise que parece sem solução. Sem passar pelo caminho fácil, de entrever antes do tempo a aurora da manhã da páscoa, é preciso adentrar-se no sentido da cruz, da crise, do escândalo que ela provoca. Esse exercício tem sido proposto por muitos teólogos em nossos dias. A matéria da teologia não é uma dogmática, uma doutrina distante da vida. Ao contrário, a teologia quer penetrar na profundidade da vida, com suas dores, alegrias, escândalos, esperanças.

Não só a teologia aprofunda a crise na qual a humanidade está imersa na atualidade, mas também os muitos saberes acadêmicos e não acadêmicos. Nas últimas décadas, uma espécie de “rebelião epistêmica” tem questionado o modo tradicional de enfrentar a crise: o que é produzido nos centros do poder e do saber hegemônico, identificado com o mundo euro-norte-americano em sua expressão neoliberal e global. Este saber, segundo os protagonistas do giro decolonial e das epistemologias do Sul, é marcado por uma perspectiva que não respeita as diferenças constitutivas do humano: étnicas, de gênero, condição social, e produz uma “colonialidade do poder, do ser e do saber”. A sociedade do “bem-estar” oriunda da lógica da colonialidade, ameaça o futuro da vida no planeta, é fonte da crise na qual está imersa boa parte da humanidade hoje.

O pensamento decolonial e as epistemologias do Sul desconcertam a teologia, pois esta, em sua expressão cristã, é vista como um dos suportes teóricos que deram origem à lógica colonialista. De fato, o zelo missionário cristão, ao anunciar a boa nova de Jesus a todos os povos, nem sempre soube reconhecer o que de salvífico e plenamente humano encontrava-se nas culturas e tradições com os quais manteve contato,

levando ao desaparecimento da forma como eles viam a vida, o mundo e o divino, sem contar a perda de suas terras, línguas e tradições, quando não sua própria eliminação. Certamente o cristianismo não é responsável por tudo isso, e há páginas extraordinárias, escritas pela Igreja, de encontro intercultural ou de defesa da dignidade dos povos autóctones. É importante também levar em conta a “consciência do possível” dos protagonistas da evangelização. Isso não invalida, porém, o teor da crítica decolonial, que serve como apelo a uma compreensão mais aguda e radical do sentido do próprio anúncio evangélico.

Este livro é um esforço de diálogo entre teologia cristã e pensamento decolonial e epistemologias do Sul. Ele é o desdobramento de uma pesquisa já iniciada anteriormente, na qual Carlos Cunha se debruçou sobre a virada decolonial em várias ciências nas últimas décadas, perguntando-se sobre as provocações desta virada à teologia cristã. No presente texto, mais que ficar em questões gerais, há uma busca concreta de estabelecer uma relação entre um conceito de algumas culturas indígenas da América Latina, a saber, o conceito de “bem viver” (*sumak kawsay*, em quéchua, *aymará jaya mara aru*, em aimará, e seus correspondentes em outros povos do que hoje corresponde à América Latina), e o conceito judaico-cristão de “reino de Deus”. Para ser mais preciso, mais que conceito, no sentido filosófico e teórico ocidental, trata-se de uma ideia, presente numa metáfora que engloba toda uma cosmovisão. O intento do autor é o de aproximar-se desta ideia, entender seu significado e suas potencialidades hermenêuticas, com seus desdobramentos na forma de ver o mundo, a convivência entre as pessoas, com a natureza. Para realizar tal intento, ele se situa, primeiro, no contexto de crise no qual encontra-se a humanidade na hora presente. Indica, ainda nesta parte inicial, a provocação vinda da ideia de “bem viver”, como alternativa à crise atual. Numa segunda parte, o autor retoma a ideia de “reino de Deus”, tal qual aparece na tradição judaica e na vida de Jesus, mostrando como esta ideia tem fecundado grupos e movimentos antissistêmicos em busca de “outro mundo possível”. Num terceiro momento, ele realiza o esforço de

aproximação efetiva entre o “bem viver” e o “reino de Deus”, mostrando como esse esforço busca reconhecer as diferenças entre ambos universos, sem, no entanto, fechá-los à possível fecundação mútua.

Como se poderá ver, o trabalho ainda é incompleto, pois se realiza simplesmente no âmbito acadêmico, através do recurso bibliográfico. O verdadeiro encontro entre o “bem viver” e o “reino de Deus” precisa da mediação de encontros reais, que passem pela paciência do “estranhamento” do outro, no caso, o mundo dos povos originários. Para que isso aconteça, certamente será necessário continuar a pesquisa, que, no caso do Brasil, mais do que nunca necessita aprofundar-se e ganhar novos adeptos, sobretudo pela ameaça que pesa sobre tantos grupos espalhados pelo território nacional em tempos em que de novo uma nova “sanha neocolonial e assassina” parece querer destruir o que resta das culturas indígenas no enorme território nacional, sacrificando-as no altar do agronegócio e dos interesses espúrios dos que pretendem se apropriar das terras desses povos que nos apontam o caminho para enfrentar a crise na qual o mundo todo se encontra.

Dr. Gerado De Mori, SJ
Teólogo, professor e reitor da
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

INTRODUÇÃO

NÃO BASTA TER CONSCIÊNCIA DOS MECANISMOS de colonização do poder, do ser e do saber. É preciso propor um fazer decolonial capaz de efetivar uma libertação genuína. O sistema econômico neoliberal hegemônico, com toda a sua ideologia, é uma barreira a ser superada para o exercício da decolonialidade. Como uma das expressões do capitalismo moderno altamente excludente, o neoliberalismo é um projeto ideológico que se concretiza, sobretudo, na estruturação de uma economia voltada somente à vantagem individual, isto é, ao lucro e a sua maximização, situando tudo e todos numa função instrumental e transformando o mundo e o humano em mercadorias a serviço do mercado econômico. Nesse modelo, as relações entre o humano, a criação e o Sagrado são coisificadas: o individualismo reina, o consumismo atinge níveis absurdos, e a natureza sofre com a exploração depredatória. O resultado de tudo isso não poderia ser diferente: desigualdade, injustiça social e colapso dos recursos naturais. Como propor alternativas de vida frente a um sistema mundial desigual e perverso? Como o Bem Viver pode ser um horizonte de sentido para as sociedades urbanas da contemporaneidade? Como a teologia cristã, com a categoria Reino de Deus, “responde” a falta de sentido de uma geração consumista e egocêntrica? Como estabelecer um encontro, diálogo recíproco e fecundo, entre o Bem Viver e o Reino de Deus almejando uma inteligência da fé em perspectiva decolonial?

Essas são algumas das perguntas que movem a nossa pesquisa. O nosso objetivo fundamental consiste em fazer apontamentos inconclusos sobre o encontro entre o Bem Viver e o Reino de Deus. Denominamos este diálogo de “teologia de Abya Yala”. Expressão originária do povo Kuna, Abya Yala significa “Terra de sangue”, “Terra madura”, “Terra viva” ou “Terra em florescimento”, e, que com o “descobrimento”, passou a ser classificada como “América”, “América Latina”. A expressão, com a crítica decolonial, vem dando identidade a movimentos dos povos originários alimentados pelo intercâmbio de experiências entre si, unidos na resistência contra o pensamento dominante e favorável ao ressurgimento de novos sujeitos de enunciação que foram subalternizados. A teologia refletida aqui é marcada por essa perspectiva.

Associar a expressão Abya Yala à teologia significa empenhar-se na construção de outros lugares de enunciação como expressões de resistência diante da colonização do poder, dando voz às epistemologias do Sul global. A associação da teologia com os poderes dominantes — ela como instrumento de colonização —, inviabilizaria tal projeto. Por isso, necessário se faz, constantemente, libertar a teologia das suas amarras coloniais desvinculando a inteligência da fé de todo projeto de dominação em um empenho por manter o “cristianismo da libertação” (Michael Löwy) ou como “cristianismo messiânico” (Enrique Dussel) para diferenciá-lo da cristandade colonial e afirmá-lo como movimento social e expressão intelectual crítica à modernidade/colonialidade.

O texto está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos o Bem Viver como ideologia, filosofia e paradigma de alternativa ao estilo de vida da modernidade/colonialidade. Portadora de um conceito aberto, plural e amplo, o Bem Viver revela toda a sua relevância ao apresentar ao mundo os seus ideais de sustentabilidade, equidade e inclusão. Não se trata de uma receita com normas fixas a serem implementadas no presente e nem de retorno à pré-modernidade vislumbrando um mundo idílico, o Bem Viver é um conceito de luta, de resistência. A sua crítica é

sistêmica e com uma proposta alternativa para um mundo pós-capitalista e pós-socialista. A viabilização prática do seu projeto é como uma utopia realizável e realmente possível. Seguimos o caminho de teóricos da decolonização que pensam na relevância do Bem Viver na atualidade em oposição ao modelo desenvolvimentista do sistema neoliberal globalizante, por isso, traçamos, em linhas gerais, alguns elementos constitutivos do sistema-mundo capitalista.

No segundo capítulo, apresentamos o Reino de Deus como sentido de humanização para outro mundo possível. A expressão tem um sentido fundamental nos feitos e nos ditos do Jesus histórico, como deixa transparecer os Evangelhos. Refletir sobre o Reino de Deus à luz da cristologia significa acentuar o tom subversivo do anúncio da boa nova de Jesus Cristo, em oposição às cristologias hegemônicas. Com um sentido aberto e polissêmico, a expressão bíblica “Reino de Deus” não se limita à tradição cristã. A sua proposta avança para além de qualquer religião, povo e cultura e abraça todo o universo dando dignidade a toda forma de vida. A teologia do diálogo inter-religioso, com a sua categoria do “reinocentrismo”, ajuda a compreender isso. Fizemos uma opção de pensar o Reino de Deus a partir do hemisfério Sul, o lugar dos marginalizados, como espaço de confronto e denúncia. O governo divino que emerge daí tem uma consciência aguçada da realidade concreta dos crucificados e, por isto, luta bravamente pela concretude do projeto divino com e entre os humanos e toda a criação.

O terceiro capítulo é o momento de encontro entre o Bem Viver e o Reino de Deus. O contexto deste encontro é marcado pelo “grito dos excluídos” que por meio das suas manifestações públicas reclamam o reconhecimento dos seus direitos. No Brasil, por exemplo, é o caso das manifestações indígenas em Brasília, a marcha das “vadias” (luta pelos direitos das mulheres), a parada LGBTI+, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e tantas outras amostras de reivindicação de direitos e de cidadania por classes excluídas. No Brasil e no mundo